

## A Decolonialidade do Corpo na Arte mato-grossense: reflexões, linguagem e subjetividade

*La descolonialidad del cuerpo en el arte mato-grossense: reflexiones, lenguaje y subjetividad*

José Henrique Monteiro da Fonseca<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a decolonialidade do corpo pelo viés da linguagem, subjetividade e da ideologia, bem como nesta mesma linha de pensamento analisar algumas obras de arte produzidas no Estado de Mato Grosso, as quais, expressam e apontam criticamente os corpos petrificados, enlatados e submetidos pelo bio-poder e pelos desdobramentos das estruturas do pensamento colonial, eurocêntrico e burguês.

Palavras-Chave: Arte mato-grossense; Corpo; Decolonialidade; Ideologia; Linguagem.

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la descolonialidad del cuerpo a través del sesgo del lenguaje, la subjetividad y la ideología, así como en esta misma línea de pensamiento analizar algunas obras de arte producidas en el estado de Mato Grosso, las cuales, expresan y señalan críticamente Cuerpos petrificados, enlatados y sometidos por el bio-poder y el despliegue de las estructuras del pensamiento colonial, eurocéntrico y burgués.

Palabras clave: Arte mato-grossense; Cuerpo; Descolonialidad; Ideología; Lenguaje.

### 1. Introdução

Ao aproximarmos do tema “corpo colonializado e/ou decolonializante”, parece razoável pensar que esse é compreendido e contemplado ideologicamente a partir das subjetividades humanas; subjetividade essa diretamente imbricada às vias da concretude das experiências, não apenas intrapsíquicas, mas também nas relações conscientes de bases materiais e valorativas (FURTADO, 2011, p. 79). Os aspectos históricos e sociais são palcos de constituição para o sujeito, o qual, pelo instrumento da linguagem, terá consciência de si e do outro, o que o torna de algum modo, autor de si, porém, esse empoderamento de ser “autor de si” não ocorre instantaneamente, uma vez que pelas mediações culturais e ideológicas desde a tenra infância, somos sutilmente tomados e infectados pela estruturação da lógica colonial, burguesa e capitalista, ainda que em níveis diferentes (TUCHERMAN, 1999, p. 21). É importante pensar o quanto as relações sócio-históricas permeiam o corpo biológico e estereotipado, pois esse é

---

<sup>1</sup> (Mestre em Ensino – linguagens e seus códigos pela Universidade de Cuiabá - UNIC; Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea ECCO/UFMT; Cuiabá, Mato Grosso; Brasil; [jhmonteirodafonseca@gmail.com](mailto:jhmonteirodafonseca@gmail.com)).

também corpo social que se encontra sob controle ideológico e político. Sendo a linguagem a base subjetiva, histórica, social e ideológica para a cristalização dos discursos, dos modelos prontos de corpo, sociedade, construções de preconceitos, e concepções estigmatizantes; por esta também, tais realidades socioideológicas poderão ser reconfiguradas e reinventadas de formas outras, para outros níveis de consciência (FERREIRA; GUIMARÃES, 2003, p. 78, 81).

## 2. Corpos ideologicamente colonizados

O corpo, para as sociedades capitalistas, é contemplado por meio de ideais de força e beleza, como também definido para fins de produção e lucro; desse modo, passa a ter um caráter social e econômico. Tal modelo cristalizado fomenta o aparecimento dos estigmas, uma vez que ideologicamente um corpo não-padrão, esteticamente variável, deficiente e/ou infectado, pode ser considerado não-eficiente e não-produtivo. Entretanto, compreende-se que as relações de poder postas pelas instituições, a saber: quartéis, prisões, fábricas, escolas, empresas, hospitais psiquiátricos entre outros, são “instituições de sequestro”, pois todo esse processo é forjado pela disciplina. Nessa sutil dinâmica discursiva, a organização do espaço, o prédio das instituições, a grade curricular, os horários, os uniformes, visualiza o corpo que se rebela e se reinventa de modo diferente como uma ameaça à ordem. Assim, a não absorção e a resistência das instituições em trabalhar com as diferenças dos corpos e estilos variados desse, são simplesmente mecanismos de dominação dos comportamentos humanos de forma homogeneizado em nome do poder institucional, que poda as emoções, os afetos e o senso crítico de um povo ou grupo (FOUCAULT, 2008, p. 121). Segue algumas obras de artistas mato-grossenses, os quais expressam criticamente em torno dos corpos petrificados, enlatados, mas que também podem vir-a-ser dinâmicos, diferentes da imposição do igual, únicos e esteticamente múltiplos. A figura 1 apresenta a escultura de pedra arenito, do artista Paulo Pires. Apresentado na exposição “Sociedade de pedra” a obra traz a representação de corpos iguais, tumultuando-se e disputando espaços na sociedade em nome da ambição; eis aí uma simbolização ideológica de estrutura colonial e burguesa pautada na ideia de conquistar, de ser forte, de competir e de lucrar.



Figura 1 - “Sociedade de pedra” de Paulo Pires  
Fonte: Sandra Carvalho – Casa do Parque - Cuiabá

As figuras 2 e 3 apresentam fragmentos da exposição “Orifício” de 2015 do brilhante e saudoso artista mato-grossense Benedito Nunes. As obras são feitas de latas (recicláveis) que formam corpos humanos que surgem e desaparecem em um ponto escuro da “passarela”, local

onde se realiza a seleção de corpos idealizados sob padrões e critérios coloniais de beleza. Eis aí uma expressão genial e crítica frente aos corpos enlatados, estigmatizados pela sociedade moderna os quais mesmo possuindo potencial de serem múltiplos e diversos, trilham um único caminho, a saber: nascer, crescer, trabalhar, produzir e depois produzir mais e mais; e, finalmente morrer. Aparecem e desaparecem em um orifício, acreditando que devem ser iguais e modelados aos ideais que lhe são impostos; mecanizados e tão previsíveis.



Figura 2 - Exposição "Orifício" 2015 de Benedito Nunes  
Fonte: Foto: Divulgação/Prêmio Pipa



Figura 3 - Exposição "Orifício" 2015 de Benedito Nunes  
Fonte: Foto: Divulgação/Prêmio Pipa

A figura 4 propõe a obra “A selfie da ironia” do artista Gonçalo Arruda. A obra parece trazer uma crítica irreverente e sarcástica do culto ao corpo e a auto-imagem. A partir da imagem é possível pensar em três estruturas históricas de poder, o Rei, o Clero e o Burguês os quais tentam perpetuar suas aparências em uma *selfie*, cuja etimologia está atrelada ao “eu-ego” colonial, eurocêntrico e capitalista, que se desdobra na consciência atual, normalizando a dominação e a padronização dos corpos. A “*selfie* da ironia” criticamente e intencionalmente distorce e deforma os corpos monárquicos, clérigo e burguês, reafirmando que nenhum corpo precisa ser igual e/ou padronizado aos ideais eurocêntricos.



Figura 4—“A selfie da ironia”, 2015 de Gonçalo Arruda  
Fonte: Galeria Mirante das Artes

As figuras 5 e 6 são fragmentos da Exposição “Cosmogonia” de 2004 da artista Vitória Basaia. Nesta exposição, a artista polemiza as atribuições sociais bem como os conflitos-resistência da mulher na contemporaneidade. A figura 5 explicita um estoque de corpos-afetos enclausurados e vitrificados pela opressão machista e as demandas sociais que tracejam a imposição e controle aos corpos “femininos”. A figura 6 apresenta as cabeças de bonecas Barbie sufocadas e oprimidas, uma iconografia que denota a ditadura do corpo magro e branco; tais “modelos” contemplam o mundo “por um vidro”, enquanto seus corpos são disputados e barganhados por um mercado machista e abusador.



Figura 5– Estoque de emoções em vidro, 2004  
de Vitoria Basaia  
Fonte: H.Gougon



Figura 6– Exposição Cosmogonia, 2004  
de Vitoria Basaia  
Fonte: H.Gougon

### 3. Conclusão

Historicamente, a imagem do corpo e sua “perfeição” são postos freneticamente enquanto primaz. Tal busca a esse ideal é um tipo de aprisionamento a um discurso político e cultural. Em meio a todo esse processo sutilmente imposto, os sujeitos repetem tais verdades através do movimento e da absorção cultural, e o fazem automaticamente, sem dar conta das amarras disfarçadas em nome de uma verdade instituída por uma classe dominante; aí se sobressai o discurso burguês do corpo belo, igual, comportado, saudável, higienizado e robotizado; entretanto, a arte torna-se um instrumento de potência e crítica pela qual expressa-se e aparecem as muitas possibilidades e realidades de corpos e modos mistos de vivências culturais e regionais (MIGNOLO, 2010, p. 8). A arte de Mato Grosso reverbera as multiplicidades e riqueza cultural, os variados modos de subjetivação de um povo que se expressa com o corpo livre e com a alma apaixonada. Portanto, o corpo é uma construção complexa de relações, sensações, ideias, desejos, armazenador e desvelador de vivências, trajetos experienciados por um sujeito complexo, único e singular, que deve ser livre para amar, ser amado, reinventado e respeitado em seu modo próprio de expressão (MATESCO, 2009, p. 7, 15).

### Referências

- FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. *Educação Inclusiva*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FURTADO, Odair (Orgs). *O Psiquismo e a Subjetividade Social*. In: Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia / Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado (orgs). 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MIGNOLO, Walter D. (2010). “*Aesthesisdecolonial*”, en CALLE14, Volumen 4, No. 4. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3231040.pdf>. Acesso em 20 de out. de 2019.

TUCHERMAN, Ieda. Breve história do corpo e de seus monstros. Lisboa: Veja, 1999